

O HOMEM CÍNICO

Samir Haddad

Resumo

Nosso trabalho procura descrever a escola cínica através de seu fundador, Antístenes de Atenas (444-355), analisando o comportamento do homem cínico e suas contradições, sua busca pela virtude e pelo agir correto. Mostramos o caminho que o homem cínico deve percorrer para chegar a seu objetivo: a autarquia. Ao mesmo tempo, revelamos seu repúdio a toda cultura estabelecida e a sua relação com o corpo e o prazer. O cínico deve distanciar-se da cidade, das atividades mundanas e da política.

Abstract

Our study aims at describing the Cynic school through its founder, Antisthenes of Athens (444-355), analyzing the behavior of the cynic man and his contradictions, his search for virtue and good works. We show the way which the cyniac man must follow to reach his goal: self-sufficiency. At the same time, we reveal his aversion to every established culture and his relation to the body and pleasure. The cynic man must keep himself away from the city, mundane activities and politics.

O Homem Cínico

1.1 O Comportamento Cínico

O cinismo é, antes de tudo, um modo de agir no mundo. Seu problema central será, nitidamente, ético. A existência do homem e seu comportamento são as questões fundamentais e nenhuma resposta teórica poderá solucioná-las. O que importa são os atos, o agir, o que acontece a cada instante. E cada instante cobra uma diferente decisão.

Antístenes não se preocupa em construir um sistema acabado e logicamente consistente. Vive em contradições e as aceita sem nenhum problema. O perfeito uso da linguagem será constantemente subvertido em prol da necessidade de admoestar os homens.

Contudo, o que leva um homem a comportar-se como um cínico e a tornar-se um cínico? O que faz com que Antístenes e Aristipo¹ tendo frequentado o mesmo Sócrates tomem rumos opostos?

Aristipo de Cirene escolherá o prazer como bem supremo e o convívio com os homens seu melhor aprendizado². Antístenes, ao contrário, tomará o duro caminho da virtude e da continência; isolar-se dos homens e do estado será a verdadeira virtude.

Porém, deve haver algo que garanta comportamentos tão distintos. Em Platão, por exemplo, há a necessidade de fundamentar seu discurso na crença da imortalidade da alma e sua transmigração, pois tais coisas seriam as garantias do conhecimento, o objetivo da filosofia e da vida. Nos cínicos, particularmente em Antístenes, não encontramos crença ou teologia que garantam a necessidade do seus procedimentos.

¹ Aristipo de Cirene considerado o iniciador da escola cirenaica. Foi discípulo de Sócrates, como atestam: Diógenes Laércio II,65-104 e Xenofonte, *Memoráveis* II,1.

² Aristipo aparece aqui porque é, geralmente, tido como o exato oposto de Antístenes. Enquanto um evitava o prazer o outro tomava-o como o fim último. Quando perguntado sobre o que havia ganho da filosofia Aristipo respondeu: "A capacidade de sentir-me à vontade em qualquer companhia". LAÉRCIO, D. II,68.

Respondendo à maneira de Nietzsche, poderíamos dizer ser mera questão de gosto, uma apreensão diferenciada dos ensinamentos de Sócrates. Entretanto, a questão é de difícil solução, tanto hoje como na Antigüidade. Espantado com os rumos tão distintos que os socráticos tomaram, Augustinho (Augustin, *Cité de Dieu*, VIII,3 – Paquet, 1992, p. 55) pode dizer:

Os socráticos tiveram, quanto ao fim último, sérias divergências entre eles mesmo. É uma pena conceber que os discípulos de um mesmo mestre puderam chegar a isto: uns, como Aristipo, diziam que o soberano bem é o prazer, enquanto outros, como Antístenes, o identificavam a virtude.

De fato, o que podemos fazer é supor, pois nem Aristipo nem Antístenes justificaram suas preferências de forma inequívoca. Sabemos que o que os move é ainda a mesma busca do agir correto, a ética.

Mesmo na impossibilidade de esclarecer as divergências entre os vários socráticos, podemos, com segurança, mostrar em que consiste o modo de vida cínico e os preceitos que devem ser observados.

Antístenes, o primeiro cínico³, pode ser descrito como um homem que possui pouquíssimo apreço pelo homem e a humanidade em geral. Neste ponto, se parece com Nietzsche que vê no homem apenas uma possibilidade que, na verdade, lhe está além.

O que Antístenes vê, na vida humana, é dor, sofrimento, ódio e violência, e é contra essas horríveis sensações que está constantemente em luta. Não as percebe exclusivamente nos outros, colocando-se à margem e a salvo, mas, ao contrário, percebe o inimigo em si, em sua própria alma. A sensação é o inimigo: “*melhor a loucura que a sensação*”. É por esta agonia que se vê envolvido (Caizzi 108c, D.Laércio vi,3 108 a).

³ Consideramos Antístenes o primeiro cínico, apesar de divergências. Passamos ao largo da questão por ser irrelevante para o nosso trabalho.

Não é de forma alguma um humanista, não crê no homem nem nas sociedades que eles podem estabelecer. O homem está em luta permanente consigo, e esta luta escapa de si indo ferir outros. Este martírio sem fim que é a própria vida não tem vencedores ; mas algo ainda, talvez alguma coisa parecida com *razão* não o deixa abandonar-se livremente ao curso dos acontecimentos. Mesmo sabendo que não pode vencer, pois contrariaria o próprio sentido de *humano*, o cínico não admite perder-se na multidão; repetindo as mesmas frases, imitando os gestos, devotando-se ao estado e a família.

A saída, se há uma, é a admoestação⁴, transformar-se numa ferida; Diógenes desempenhará muito bem esse papel, será uma ferida na cidade, será a lembrança da *humanidade* do homem⁵.

Na possibilidade estética, Antístenes e os cínicos não acreditam. A arte é quimera, brincadeira de criança, fuga. A beleza e o bem, sempre presentes no Sócrates de Platão, não encontram correspondência nos cínicos. O humano é feio, e a bondade, uma máscara que os homens usam para protegerem-se uns dos outros. A *eudaimonia*, a felicidade que persegue, é ainda e apenas a felicidade possível a este homem cheio de instintos impossíveis de serem contrariados. A *eudaimonia* não é, portanto, divina, nem eleva o homem por completo, assemelhando-o aos deuses.

O que se lhe permite, e que vai marcar todos os seus atos, podemos até chamar arte, talvez a única que lhe seja permitida, talvez também a mais bela. Consiste a arte cínica, através de uma técnica, em produzir uma obra, edificar um homem: a esta construção chamou Antístenes de *sophós*. Uma construção, uma obra de arte que necessita de uma técnica específica.

A filosofia, ou melhor, a vida é para o cínico a tentativa de estabelecer um modelo de homem. Há toda uma economia do corpo e da alma. Não são propriamente dogmas, mas uma prática que é prescrita e deve ser cumprida. Ao ser perguntado a respeito da vantagem que havia tirado da filosofia, a resposta de Antístenes foi: "*Poder falar comigo*

⁴ No sentido de exortar, incitar, aconselhar e repreender.

⁵ Toda a vida de Diógenes revela esta preocupação. Ver LAÉRCIO, D.; VI, 20-81

mesmo” (Caizzi, 1966, frag.177, pag.71 - D.Laercio vi,6). Esta resposta nos remete à frase escrita sobre o portal de Delfos : *conhece-te a ti mesmo*, princípio que serviu de guia a Sócrates.

Entretanto, a obra cínica nunca estará completa, estará sempre por fazer; por isso a imagem do *sophós* admoestador, que estará sempre convocando os homens e a si mesmo. O cínico sabe que seu sucesso será incompleto, pois já sabe a priori que dos instintos não é possível fugir: se dominasse , com suas técnicas, toda a fome e toda sede, ele morreria, está, por assim dizer, sob o império do corpo. Se dominasse a si tão perfeitamente que não sentisse frio ou calor, ele morreria. Percebe que seu almejado sucesso é também seu fim. Esta é a imagem do *sophós* admoestador : sob o império do corpo, é preciso encontrar o ponto de equilíbrio, onde não seja mais dominado pelos instintos, mas ainda permaneça humano.

O cínico tem um destino para o homem, mas se ri dele. Ele mesmo não acredita que isto seja possível, pois o destino é acaso e não há alma imortal que subsista sempre ao acaso. O destino irônico e aporético do homem traduz-se no *sophós*, um caminho individual que não tem porque ser feito e, ao mesmo tempo, é preciso ser feito. Não há garantias para o cínico e ele sabe disso ; nesta *aporia*, encontramos sua força.

O cético se distanciaria do cínico por suspender todo e qualquer juízo; o cínico não crê que isto seja possível; a ação é inevitável e necessária, é preciso escolher mesmo que, negativamente, negando todas as escolhas. O cínico pode ser descrito como um *cético que resolveu agir*, por impossibilidade de não fazê-lo ou, até mesmo, por vingança para com a vida.

Sua arte é a finalidade que escolheu, por um prazer que nunca confessa ou por impossibilidade de agir de outro modo⁶ . Construir um homem, dominar os instintos, inútil tentativa; daí sua personalidade lúgubre, de que Aristipo estava sempre zombando⁷ .

⁶ É através do único e rasgado manto que Sócrates captura o orgulho cínico: “Através dos furos de teu manto vejo teu anseio de glória.” (LAÉRCIO, D. VI,8. p.154.).

⁷ (PAQUET ,1992, p.75). “Aristipo não parava de ridicularizar Antístenes por causa de sua personalidade lúgubre.”

Como, porém, uma concepção de vida tão lúgubre pode se mostrar de forma risível e tão pouco séria? É da própria natureza da questão ; para as *aporias* que levantava e vivia, a única solução era o riso, o escárnio e a ironia. Como poderia deixar de rir do homem e de si mesmo? A condição peculiar de ser homem bastava para o riso ; era preciso ironizar e repudiar as tentativas propostas pelas *academias*. Não há solução para sua questão. A ironia cínica, a mordacidade, é amarga, até mesmo rancorosa. Para o existir não há solução, só continuar existindo, e como Sócrates, a única coisa que podia ter importância era o *modo* pelo qual esse existir poderia tomar forma. E essa era a *tecné* cínica, a sua arte.

1.2 O Fim Previsível

O homem que Antístenes deseja construir, o *sophós*, deve exercitar a continência, dominar-se e tornar-se autárquico. O cínico propõe um caminho para o homem. A autarquia do *sophós*, e o próprio *sophós* são metas a atingir. Porém, antes mesmo de percorrer o caminho, o cínico já sabe o seu fim.

Perguntado sobre qual seria a maior bem-aventurança para os homens, Antístenes respondeu: “*Morrer feliz*” (CAIZZI, 1966; frag 164, p.69.) Este seria o objetivo alcançado pelo *sophós*. Entretanto, quando Antístenes diz *morrer feliz*, ele não se refere a nenhuma esperança que subsista à morte. Trata-se, ao contrário, da própria afirmação da vida, dos atos humanos e sua conclusão previsível.

Uma estória envolvendo Antístenes e Diógenes nos dá a exata medida da vida e da morte cínica. Antístenes está agonizante, sofrendo muito, Diógenes se aproxima e mostrando-lhe um punhal, pergunta-lhe se precisa de um amigo. Antístenes diz: “*Quero me livrar dos meus tormentos e de minhas dores, e não de minha vida*”. (CAIZZI, 1966; frag 142, p.66). Estranho apego a algo a que devota tão pouco valor. E, por que a resistência em morrer, se acreditasse em algo além da morte?

A crença na imortalidade da alma e na vida após a morte não estão presentes na vida cínica. No testemunho acima, Antístenes, em nada se parece com o Sócrates que Platão nos mostra no *Fédon*: um homem tranqüilo com a chegada da morte, pois, tem:

a firme convicção que além dela há alguma coisa que as antigas tradições dizem ser melhor para com os bons do que para com os maus. (Fédon. 63C)

O Sócrates do *Fédon* pode dizer:

considero que o homem que realmente consagrou sua vida à filosofia é senhor de legítima convicção no momento da morte e, possui esperanças de ir encontrar para si no além excelentes bens quando estiver morto! (Fédon. 64A)

Esta é, propriamente, a visão particular platônica; se Sócrates foi ou não cúmplice desta maneira de pensar nós não sabemos (afinal, ele nada sabia a respeito deste mundo, que dirá de outro). Mas, a imagem de um lugar *pós-morte*, onde os bons se reuniram, é recorrente na obra platônica. A mesma idéia encontramos no final do diálogo *Górgias* (523a-526e - as ilhas da bem-aventurança), e também, na *República* (614a), onde o mito de Er que lhe serve de epílogo é um hino à imortalidade da alma.

Entretanto, encontramos em Antístenes a exata contradição a esta crença antiga referente ao lugar dos *bons* e dos *bem-aventurados*. Os mistérios órficos que prometiam a paz e o reconhecimento após a morte, e que eram a origem dos comentários platônicos, receberam da parte de Antístenes ironia e pouco caso. Diógenes Laércio nos conta que, ao participar dos mistérios, e como lhe fossem prometidas muitas riquezas, no além, Antístenes teria sugerido ao sacerdote órfico que se matasse, para ir ele mesmo, e mais rápido ainda, ao encontro das riquezas prometidas. Este testemunho pode ser visto apenas como uma anedota, com intuito de ridicularizar os mistérios, porém, devemos ter em conta que, para o cínico, a vida não é um jardim de delícias; o cínico deve fugir das sensações e do prazer fácil; se lhe fosse garantido um outro lugar após a morte é provável que realmente se matasse⁸.

A vida humana é única e deve ser vivida até o fim. Não é uma doença que a morte pode curar, dando à alma sua verdadeira alegria.

⁸ Antístenes não faz referência ao suicídio, apesar da sugestão de Diógenes. Entretanto, os estóicos que, de certa forma, continuaram a ética cínica admitiam o suicídio em determinadas circunstâncias. (Cf. LAÉRCIO, VII).

Aqui podemos compreender a crítica de Nietzsche às últimas palavras de Sócrates, no Fédon : “*Ó Criton, nós devemos um galo a Asclépio*”(Fédon. 118A). Nietzsche nos diz que: “*esta última palavra deveria ser ouvida assim: Ó Criton, a vida é uma doença*” (NIETZSCHE, F.W. A Gaia Ciência. aforismo 340) ; nós podemos acrescentar: e a morte é a cura.

Conquistar uma boa morte (εὐτυχοῦντα) não é a esperança da bem-aventurança, mas assemelha-se mais à morte dos heróis homéricos. O *tártaro brumoso* é o lugar onde encontramos os covardes e os heróis, os prósperos e os infelizes, os filósofos e os políticos. O fim é o mesmo. A opção pelo duro caminho do *sophós* é uma necessidade do homem cínico, a busca da *eudaimonia* não é um investimento para além do corpo e da vida. Como dissemos, anteriormente, o cínico tem uma missão que deve cumprir diligentemente, não lhe importa que o fim seja previsível e o prêmio pessoal nenhum. O desejo de vida eterna seria indigno do *sophós*.

Antístenes e Platão se aproximam algumas vezes, mas suas motivações são distintas. A semelhança entre o Sócrates do *Fédon* e o cínico não está no além da morte e no encontro da alma com o bem. É na preparação para a morte que ambos se aproximam ; a vida como preparação para a morte. Sócrates diz no *Fédon*:

Receio, porém, que quando uma pessoa se dedica à filosofia no sentido correto do termo, os demais ignoram que sua única ocupação consiste em preparar-se para morrer e estar morto.(Fédon. 64A)

Esta preparação para a morte é o caminho do *sophós*. Seus métodos nos são descritos por Xenofonte em seu *Banquete* : vida regrada, longe das paixões e das sensações mundanas. Morrer feliz significa ter chegado ao fim da vida tendo atingido a *autarquia*; tendo vivido só, sem nada a lamentar, por deixar atrás de si. O sábio nada tem e a nada está ligado, é livre. As palavras de Diógenes nos dão a medida exata:

Depois que Antístenes me libertou eu nunca mais fui escravo. Antístenes me ensinou (a ver) o que é meu, e o

que não é meu; bens e propriedades não são meus, parentes, familiares, amigos, fama, relações sociais, nenhum lugar me pertence; tudo isto pertence a outros. (CAIZZI, 1966, frag. 118, p. 58)

1.3 O Corpo e as Sensações

Mesmo sendo a morte o fim do homem e a vida a preparação para a morte, a vida cínica não pode se dizer feliz. Trata-se de uma vida de paciência e renúncia, recusa da sensação e qualquer prazer efêmero. Há, na verdade, uma glorificação da dor, é ela que purga e corrige. O prazer é visto com desconfiança, e a sensibilidade é posta em dúvida, pois é ela a raiz de todos os males. O único prazer que o cínico admite é aquele resultante do esforço, o que nasce da superação da dor. Estobeu nos diz assim: “*É preciso buscar o prazer resultante do esforço, e não aquele que lhe precede*”. (CAIZZI, 1966, frag.113, p. 55)

Entretanto, o corpo (o lugar da sensação) não deve ser martirizado. Não há no pensamento cínico o *corpo culpado*, apesar de todas as apropriações posteriores que os exegetas cristãos farão, ao comentar os cínicos⁹. O cínico reconhece as necessidades corporais; a gula, a luxúria e os demais vícios (séculos depois serão chamados *pecados capitais*) não pertencem ao corpo, ao contrário, são imagens da ambição humana. O corpo precisa comer, beber, de sono e de sexo, não há porque negar a satisfação de suas necessidades.

Podemos dizer que os comentários dos exegetas cristãos, a respeito de Antístenes e dos cínicos, são direcionados, propositadamente, para torná-los uma antecipação do cristianismo. São Gerônimo (PAQUET, 1992; frag 2, p. 54.), por exemplo, enaltece, principalmente, sua pobreza e sofrimento à semelhança de Cristo. Clemente explica o comentário de Antístenes a respeito de Afrodite, de maneira inteiramente cristã:

⁹ Principalmente os comentários de Clemente e São Gerônimo, que chegam a comparar suas palavras às dos profetas. (PAQUET, 1992, pp.55 e sg)

Eu estou de acordo com Antístenes quando ele afirma: "Se eu pudesse por as mãos em Afrodite, eu lhe encheria de flechas por ter corrompido tantas de nossas virtuosas moças." Quanto ao amor, ele o chama um vício da natureza: os miseráveis que se assujeitam o chamam de doença divina(...), mesmo levando em consideração o fato de se tratar de um dom de Deus. em vista da necessidade de procriação. (PAQUET, 1992, frag.9, p.55)

Este é um exemplo do uso que o cristianismo fará do cínico. A negação do hedonismo transforma-se num problema moral de ordem sexual, com interdição do sexo, resguardando unicamente a necessidade de procriação. Clemente é claramente desmentido por Xenofonte (*Banquete*. IV,34-44) ; no *Banquete*, Antístenes faz do sexo uma necessidade natural do corpo, que deve ser encarado de forma simples e sem discursos elaborados. *As coisas de Afrodite* não fazem referência à procriação (coisa que o cínico não deseja), mas se refere, unicamente, à satisfação do instinto, assim como o beber e o comer.

Temos que procurar outra razão para a negação do amor e do sexo, e não o pecado (já presente em Clemente) ou a misoginia. Crátes, o cínico, foi companheiro de Hiparquia, uma mulher que se deixa levar pela vida filosófica, um caso raro na Antiguidade. A negação das uniões se referiam à impossibilidade de conjugar a vida cínica com a vida de homem casado e de estado, entre o sábio e o cidadão. A frase que Clemente comenta diz respeito à sensação. O amor deixa o homem preso e impossibilitado de seguir o caminho do *sophós*. A frase de Antístenes é uma *blasfêmia*¹⁰, um desrespeito aos deuses, e será muito usada pelos cínicos posteriores. Devemos notar a ironia cínica, pois os deuses eram, na Grécia Antiga, uma desculpa corrente ; eram responsabilizados pelos êxitos e os fracassos. Mais do que pudor, devemos considerar a frase de Antístenes

¹⁰ O Imperador Juliano, o Apóstata, criticava severamente os cínicos por suas blasfêmias, isto é, a maneira desrespeitosa de tratar os deuses. (PAQUET, 1992, pp.355-387)

uma crítica aos valores gregos, ao mesmo tempo que uma exortação sobre o poder da sensação e das paixões. Afrodite fora muitas vezes usada como desculpa¹¹ e o que Antístenes faz é responsabilizá-la ironicamente, deixando ver que, enquanto culpamos os deuses, esquecemos a verdadeira questão que é a sensação.

A continência cínica (pelo menos a princípio, com Antístenes) não são proibições ou tentações a vencer, trata-se de dar ao corpo aquilo que lhe é necessário, e mais nada. As *necessidades aparentes* como a mesa farta e requintada, as mais belas e melhores amantes, não têm no corpo sua origem, é na alma (*psiquê*) que a insaciabilidade tem origem. O corpo é simples nos seus desejos e o *sophós* deve perceber a diferença; satisfazer e não brigar com o corpo, ou culpá-lo por necessidades que não são suas. O gozo ou o prazer da sensação deve ser entendido como aquilo que ultrapassa a necessidade, isto é considerado falta de sabedoria.

Sexto Empírico estabelece a diferença entre Antístenes e Epicuro: “Epicuro colocava o prazer sensível como sendo um bem. Antístenes, ao contrário, dizia preferir a loucura ao gozo mau”. (PAQUET, 1992, frag.6, p.54)

Deixar-se levar pela sensibilidade desvia o cínico de seu propósito. Não buscar o prazer é o ensinamento de Antístenes; preferir : “a loucura à sensação” (CAIZZI, 1966; frag.108C, p.54). O amor ao prazer e à sensação seria uma espécie de *loucura sã*, a loucura que é aceita pela comunidade, pelos homens e seus semelhantes.

É da sensação que nasce o sofrimento; Epicuro também pensava assim, mas acreditava no prazer como sendo a *boa sensação*, que podia com sua força diminuir a sensação ruim, uma espécie de equilíbrio precário entre os prazeres. Para Antístenes a sensação/sensibilidade é ela mesma a causa da dor e do sofrimento humano, origem da ambição e da busca desenfreada de riqueza e de glória.

Cícero, falando de Antístenes e de Epicuro, é ainda mais radical. Como estóico, recusa determinadamente o prazer, fazendo o elogio das virtudes socráticas. Cícero faz de Epicuro um voluptuoso, apegado aos

¹¹ Helena de Tróia é a referência clássica.

prazeres terrestres ; dessa forma, falseia tanto o epicurismo quanto o cinismo. Suas palavras são:

Preferimos imitar Epicuro?(...) Ele faz o elogio da vida simples : um tal elogio convém bem a um filósofo, com a condição que seja um Sócrates ou um Antístenes que fale, e não aquele que coloca o bem último como sendo a volúpia. (PAQUET, 1992; frag.13, p. 55).

De fato, na *Antologia* de Epicuro, encontramos passagens onde o gozo aparece como o oposto da dor, mas isso não nos permite chamar Epicuro de hedonista, como poderíamos, perfeitamente, aplicar o termo a Aristipo de Cirene. Na ética de Epicuro, encontramos o seguinte comentário: “A ausência de perturbação e de dor são prazeres estáveis; por seu turno, o gozo e a alegria são prazeres de movimento...”(LUCRÉCIO. Epicuro; IV).

Epicuro diz ainda :

Quando dizemos, então que o prazer é fim, não queremos referir-nos aos prazeres dos intemperantes ou aos produzidos pela sensualidade(...), mas ao prazer de nos acharmos livres de sofrimentos do corpo e de perturbações da alma.(LUCRÉCIO. Epicuro; IV).

Para o cínico, a questão não está em saber o que é uma boa sensação (aquela que nos dá prazer), ou o que é a sensação ruim (origem da dor), a questão está centrada na própria sensibilidade.

A sensação está em questão. A atenção cínica dirige-se ao centro do problema do homem no mundo, pois o que passa na alma recebe reflexos do corpo e das sensações. Nunca haverá o pensamento puro, não contaminado pelo corpo e suas sensações, o que chega à alma deve necessariamente passar pelo corpo. O corpo não é um peso que a alma carrega consigo, mas sua expressão ; esse é o sentido da ascese cínica: representar no corpo o que lhe passa na alma, e na alma o que lhe passa no corpo.

Assim, Antístenes nunca poderia aceitar as formas puras que Platão propõe ; o importante é saber que há um homem, que é corpo e sensação; não há porque escamotear a questão e diminuir-lhe a gravidade. Ser homem é viver perfeitamente esse conflito: não ansiar pela imortalidade e reconhecer que o pensamento tem um lugar, pertence a um corpo e a um homem determinado.

Referências Bibliográficas

- CAIZZI, F.D. *Antisthenis Fragmenta*. Milano : Istituto Editoriale Cisalpino, 1966.
- JENOFONTE. *Banquete*. Tradução, Introdução e Notas por Juan David Garcia Bacca. Edição bilingüe. Cidade do México: 1947. (Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Mexicana).
- LAÉRCIO, Diógenes. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Trad. do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988. (Coleção Biblioteca Clássica UNB).
- LAERTII, D. *Vitae Philosophorum de Clarorum Philosophorum Vitae Dogmatibus et Apophthegmatibus*. C. Gabr. Cobet, parisiis: Ed. Simim-Didot, et Sociis, 1929.
- LUCRÉCIO. *Epicuro. Antologia de Textos. In: Os Pensadores*. Trad. Agostinho da Silva. São Paulo: Editora Abril, 1973, v.5.
- PAQUET, Léonce. *Les Cyniques Grecs. Fragments et Témoignages*. Choix, Traduction, Introduction et Notes par Léonce Paquet. Avant-propos par Marie-Odile Goulet-Cazé. Paris: Le Livre de Poche, 1992.
- PLATÃO. *A República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.
- _____. *Fhédon*. Étab. et Trad. par Léon Robin. Paris : Belles lettres, 1970, t.4, 1p.
- _____. *Górgias*. Trad. Patrício de Azcárate. Buenos Aires: